



SEÇÃO TEMÁTICA

Motricidade, experiência do sagrado e as modulações de sentidos

Motricity, sacred experience and sense modulations

*Sérgio Oliveira dos Santos**

Resumo: O corpo em ato intencional, pela capacidade de doar sentido ao movimento, visa a transcendência e a plenitude de realização co-implicada. Essa orientação epistemológica conduz a proposta deste ensaio em torno das perguntas: como manifestação da motricidade, qual é a essência da experiência do sagrado com relação a espaço/temporalidade e em que se diferencia das experiências do jogo e da arte? As análises fenomenológico-hermenêuticas mostram que a percepção da espaço/temporalidade nas experiências do sagrado sugerem um modo particular de ação, cuja presencialidade é preenchida por modulações de sentidos que orienta o ato de fé.

Palavras-chave: Motricidade. Experiência do sagrado. Modulações de sentido.

Abstract: The body in intentional act, for the ability to give meaning to the movement aiming at transcendence and the fullness of co-implicated realization. This epistemological orientation leads the proposal of this essay around the questions: As a manifestation of motricity, what is the essence of the sacred experience in relation to space/temporality, and how is it different from the experiences of play and art? The phenomenological-hermeneutic analysis shows that the perception of space/temporality in the sacred experiences suggests a particular mode of action, whose presence is filled by modulations of meanings that guide the act of faith.

Keywords: Motricity. Sacred experience. Meaning modulations.

Introdução

A motricidade é a dimensão fundante da vida, ela está presente em nossa condição existencial desde a sua origem. Mover é um imperativo incondicional e o sentido da vida é desdobramento da capacidade de realização do corpo num contexto situacional. Assim, a vida humana é transcendência dinamizada pela motricidade, ou seja, a busca incessante de ser-mais, “[...] pois que a transcendência é o processo normal de um ente cuja estrutura essencial é a consciência da incompletude e a vontade de superá-la” (Sérgio, 2003, p. 35). A transcendência é ascensão, mas não descolamento do real, por que também é sucessão de um saber encarnado, ou seja, das emergências corpóreas próprias do sentido sensível. Nos estudos sobre motricidade, transcender é transbordar as potencialidades humanas para encontrar o eu elevado além de si mesmo, no encontro com outro, qualitativamente em unicidade com o mundo.

* Doutor em Educação (UMESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7379-007X> – contato: sergio_oliveirasantos@hotmail.com

O mundo que vai se formando no instante em que a motricidade preenche a existência com a potência da realização de nosso modo de ser, transfigurando o espaço e o tempo, formando os direcionamentos de sentido. Nesse processo de transfiguração de realidades, observa-se um âmbito especial da motricidade desvinculado de qualquer intencionalidade produtiva ou de subsistência.

A motricidade, como condição exclusivamente humana, abre uma dimensão na espaço/temporalidade para além da objetividade materializada e dos naturais desdobramentos das coisas e dos acontecimentos da vida, potencializada por um infinito universo semântico que observamos tanto na experiência do jogo como nas artes. Será o que o mesmo pode ser observado na experiência do sagrado?

Aos apresentar brevemente o conceito de transcendência, muito significativo para o estudo da motricidade, o artigo propõe algumas aproximações iniciais em torno da tese de que há fortes intermediações vividas e passíveis de compreensão entre a motricidade, a experiência do sagrado e as *modulações de sentido*. Essas aproximações corresponderão, portanto, ao eixo central do que será analisado.

Todo desdobramento argumentativo apoiar-se-á na metodologia fenomenológico-hermenêutica, entrelaçando conceitos como: plenitude de realização, âmbito, ato de fé e experiência do sagrado.

Conceitos iniciais, problemáticas e proposições metodológicas

A experiência do sagrado é compreendida por Mircea Eliade (1999, p. 17) como *hierofania*, ou seja, o ato de manifestação do sagrado em que alguma coisa valorosa se mostra a si mesma para nós. Algum tipo de manifestação, cujo ordenamento difere do mundo cotidiano. Se as hierofanias são atos, com estruturas espaço/temporais transfiguradas, abre-se a possibilidade de serem estudadas como um fenômeno motrício.

Para aprofundar a perspectiva investigativa que relaciona a motricidade com a experiência do sagrado e as modulações de sentidos (eixo central deste estudo), metodologicamente buscou-se observar atentamente alguns documentários em que essas manifestações estão sistematicamente registradas, considerando esse como o material de análise para as argumentações e proposições que seguirão, entre elas: o documentário *Belief* do Discovery Channel (2016), a série *Retratos de Fé* da TV Cultura (2019) e o documentário *Baraka*, produzido por Ron Fricke (1992). Elegemos para o estudo, também, alguns rituais, como a dança xondaru da etnia guarani, a dança ritual do jurupari da etnia dessana - Amazonas, do rito gule wankalu da etnia chewa – África Meridional, o kinhin, a meditação caminhando do budismo, e o semã, a dança derviche do sufismo.

Nas manifestações observadas neste material de estudo, e já apontando um caminho hermenêutico de investigação, parece existir uma combinação de ações, sentidos e valores hibridamente relacionados na música, no gesto, na representação, nas vestimentas, nos objetos sacralizados, nos textos, na oralidade, no canto, nas imagens, na palavra, no ordenamento do espaço, na arquitetura, assim, um conjunto de experiências motrícias em múltiplas linguagens, onde o corpo sensível situa-se num ambiente repleto de estruturas simbólicas potencializadas por narrativas.

Observou-se que esse estado dimensional acima descrito é por onde flui o real e o imaginário, o visível e o invisível, o voluntário e o involuntário, a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade que posicionam a experiência do corpo intencional numa dimensão especial do mundo humano, isto é, um mundo preenchido por uma rede de sentidos.

Mas, e quando o sentido da vida se esvai? Ou, por algum motivo traumático, o sentido existencial se abala? Ou, quando o ser humano percebe seus horizontes de realização se esvaindo, reduzindo sua capacidade de agir-no-mundo? Seria a experiência do sagrado uma ontológica dimensão que emerge para suprir a carência do sentido? O que a experiência do sagrado tem em relação com a motricidade?

Diante dessas aproximações iniciais e primeiras perguntas, proponho uma problemática básica e uma série de outras questões que se desdobram naturalmente, devido à complexidade do tema.

Assim, apresento as questões primordiais deste artigo:

Qual é a essência das ações humanas ritualísticas, compreendidas como experiência do sagrado, com relação à espaço/temporalidade? Que dimensão espaço/temporal é essa? Será que essa experiência da espaço/temporalidade é exclusiva da experiência do sagrado? É possível falar de experiência do sagrado sem a motricidade que a revela e a consolida?

Como desdobramentos das questões acima, seguimos perguntamos:

- O que distingue a ação humana no âmbito do jogo, cuja intencionalidade não é o encontro com uma experiência do sagrado, daquela que traduz a essência dos rituais sacralizados do ponto de vista dos sentidos, dos valores e da espaço/temporalidade?
- Por que as experiências do sagrado se edificam, em parte considerável de seus ritos, na motricidade?
- Não seria a distinção entre a espaço/temporalidade vivida na experiência do jogo, das artes e do sagrado, um atributo de sentido e valor, potencializado pelo trato linguístico, mais do que a própria ação que marca a materialidade do gesto ritual?
- Em que medida as sensações pré-reflexivas do corpo atuam como desencadeadoras de sensibilidades canalizadas para a experiência do sagrado pelo campo semântico do sentido?
- É possível o ato de fé desencadear a manifestação do sagrado sem ser preenchida e potencializada pelas linguagens? Só o estímulo da corporeidade pré-reflexiva é capaz de categorizar a espaço/temporalidade como âmbito do sagrado?
- Seria a intencionalidade reflexiva (produto da imaginação e da construção do sentido por narrativas) capaz de somar-se com as sensações pré-reflexivas, desencadeadas pela motricidade e, diante desse entrelaçamento, ser capaz de explicar a hierofania eliadiana?

Para tratar as problemáticas apresentadas, sem nenhuma pretensão de esgotá-las neste estudo inicial, vamos, metodologicamente, assim proceder:

1. Analisar a dimensão fenomenológica da espaço/temporalidade que a motricidade revela, ora como experiência de jogo, abrindo-se para a ludicidade, ora como experiência estética (abrindo-se para a estesia e leitura de mundos) e ora como experiência do sagrado.
2. 2 - Observar as nuances corpóreas pré-reflexivas, a intencionalidade, a doação de sentidos e os valores que configuram o ato de fé, sendo este conjunto de elementos estruturantes combinados com as narrativas sacralizadas, a possível distinção entre o sagrado, o jogo e a expressão artística, o que chamaremos de modulações de sentidos.
3. 3 - Propor uma reflexão e um chamamento para a continuidade do estudo sobre o fenômeno das modulações de sentidos com o contexto atual, dada a emergente preocupação com o crescimento das instituições religiosas que se apropriam dos elementos ontológicos da experiência do sagrado para manipular grupos humanos semanticamente vulneráveis na ordem material e simbólica.

A transfiguração da espaço/temporalidade e a motricidade

Como a noção de espaço/tempo é percebida pelo ser-motricio na experiência do sagrado, na experiência artística e na experiência do jogo?

Começemos por compreender que o ser-motricio é o ser-da-ação. É uma designação fenomenológica para nomear aquele que realiza a existência, pois age no mundo com sentido, valor e por inúmeros modos relacionais. É o agente de configuração de mundos possíveis, dotado da capacidade de transfiguração de realidades e da plenitude de realização co-implicada (Santos, 2016; Santos, 2017; Santos, 2018).

Por se tratar de três dimensões de ação propriamente humanas, queremos compreender de que modo elas se distinguem e em que elas revelam núcleos comuns. Partimos da perspectiva compreensiva de que é possível destacar características essenciais que descrevem o espaço/tempo vivido nessas três dimensões, ou no conjunto de todas elas, mesmo sabendo que as intencionalidades são distintas do ponto de vista da matriz de origem e da expressão que projetam.

Nas artes, na ludicidade e no sagrado, a espaço/temporalidade é vivida como fluídica e deslocada do mundo de ordenamento natural. É como um estado que atravessa o passar do tempo e faz do espaço um território demarcado pela determinação corpo-mundo, numa dinâmica de realização do si mesmo pleno de sentido. Revela-se a realidade ficcional, transfigurada pelo potencial semântico da imaginação, onde o tempo mensurável não é mais a única referência objetiva. O desígnio do ser-motricio vislumbra a temporalidade como horizonte novo, fazendo emergir a sensação de pertencimento a uma realidade espaço/temporal alternativa, ou seja, uma presença simbolicamente supra dimensionada.

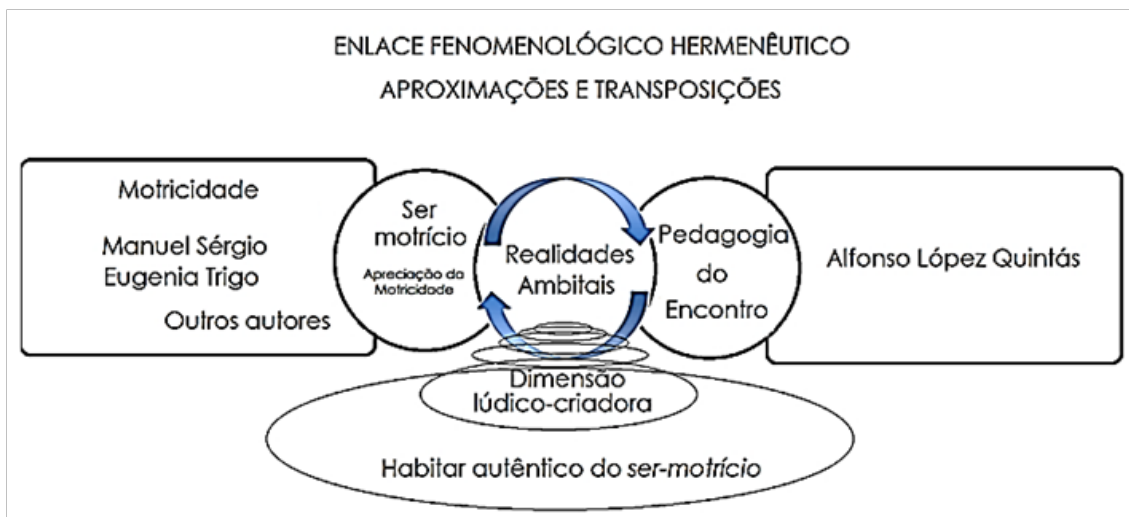
No instante em que o ser-motricio encontra-se plenamente envolvido com as atividades lúdicas, estéticas e sacralizadas, o tempo é percebido como rede de intencionalidades que flui, e o espaço não é mais uma demarcação de território objetivado, mas um lugar de acolher as projeções, modulações, ordenamentos e transbordamentos

de sentidos. Aproveitamos para destacar aqui um dos eixos primordiais deste estudo, que é a modulação dos sentidos, terminologia que será mais bem delimitada adiante.

Essa experiência qualitativa vivida no espaço/tempo, condição de abertura promovida pela motricidade, ganha potência com os diversos desdobramentos linguísticos. Condição que permite que as sensações do corpo biodinâmico sejam concebidas como sensibilidades, e estas como expressões de modos de ser e de acessar distintas realidades.

Para reforçar e aprofundar essa abertura de realidade própria do ser-motricício observados na ludicidade, nas artes e no sagrado, propomos uma aproximação teórica entre a motricidade, a partir das ideias de Manuel Sérgio, com o conceito de âmbito de Alfonso López Quintás. A figura 1 apresenta as realidades ambiais como um fenômeno desencadeado pela condição ontológica do ser-motricício, ou seja, de transfigurar a realidade objetiva pela potência do sentido sensível de um corpo linguístico, imaginante e reflexivo.

Figura 1 – Ser-motricício e as realidades ambiais



Fonte: Santos (2018, p. 91).

A realidade ambial (âmbitos) ou realidade super-objetiva (López Quintás, 2016, pp. 23-37), é uma dimensão transfiguradora de caráter lúdico-criador, que tem semelhança com o conceito de “práxis criadora”, habitar autêntico do ser-motricício, ou seja, aquele que exerce a motricidade. “Práxis criadora” é o caminho da realização em que o ser-motricício se posiciona, opina, escolhe, integra-se, comunica, apreende, explora a capacidade de imaginar mundos possíveis para sua existência (Santos, 2016, p. 326). Já um “âmbito” é um campo de possibilidades de ação com sentido, dimensão de encontro autêntico onde surgem e são instaurados os valores (López Quintás, 2016).

No caso da motricidade, podemos dizer que no habitar autêntico do ser-motricício encontra-se um modo próprio e peculiar de viver a espaço/temporalidade, como um tônus de presença, um âmbito de presencialidade que foge aos ordenamentos cotidianos, observável tanto na experiência de jogo (Huizinga, 2012, p. 11; Fink, 1966, pp. 14-15), nas experiências artísticas, (de certo modo uma manifestação de jogo segundo

Gadamer, 2010, p. 53). Nessas experiências, o ser deve se arriscar a sair de si para encontrar-se com um tipo de realidade que se mostra distinta, distante e alheia (López Quintás, 1992, p. 16).

Será que, na experiência do sagrado, vislumbram-se também esses modos de relação?

O que desejamos propor aqui, do ponto de vista metodológico, é a interpretação da experiência do sagrado como um modo de realidade ambital. Essa abordagem é apresentada como um centro de análise deste estudo por considerá-la uma das estruturas primordiais no estudo da motricidade e do ser-motricício, especialmente a relação de presença na espaço/temporalidade.

O termo presencialidade é, dentro dos estudos de motricidade, compreendido como a qualidade de estado presencial, de modo que o ser possa ligar-se integralmente à experiência vivida como ato intencional consciente. Predisposição para transbordar as problemáticas do mundo objetivo da vida para habitar um lugar que permita viver plenamente a experiência de ser, ligar-se intencionalmente com o si mesmo, entregando-se e integrando-se num âmbito repleto de modos de agir que possibilitam criar vínculos de sentido no nível das realidades super-objetivas, traduzindo o vivido sensível do corpo em grandezas valorativas de estima compartilhada por um grupo de pessoas.

Por isso, perguntamos: sendo a presencialidade um fenômeno comum entre a ludicidade (própria do âmbito do jogo) e a estesia (manifestação expressiva que pertence à experiência estética), em que elas se distinguem com relação à experiência do sagrado? Como compreender a particularidade dessa realidade humana? Não seria a hierofania um tipo específico de desdobramento próprio da ontológica condição do ser-motricício no que diz respeito a transfigurar realidades?

Huizinga apresenta algumas argumentações que relaciona a dimensão humana do jogo e as celebrações do sagrado, com relação ao espaço que representa.

De um ponto de vista formal, não existe diferença alguma entre a delimitação de um espaço para fins sagrado e a mesma operação para fins de simples jogo. A pista de corridas, o campo de tênis, o tabuleiro de xadrez ou o terreno da amarelinha não se distinguem, formalmente, do templo ou do círculo mágico. [...] É surpreendente que a antropologia e a religião comparada tenham prestado tão pouca atenção ao problema de saber até que ponto as práticas rituais, desenrolando-se dentro do quadro formal do jogo, são marcadas também pela atitude e pela atmosfera do jogo. (Huizinga, 2012, pp. 23-24)

O autor sugere que a distinção entre a dimensão espaço/temporal do jogo e o sagrado está na natureza do ato celebrativo, cuja intencionalidade é permeada pela relação entre a crença e o simbolismo.

Tomando como referência a motricidade, podemos apresentar alguns caminhos compreensivos para avançar no estudo.

Presencialidade, saber encarnado e as linguagens

Como vimos, o ser-motricício adentra a dimensão existencial em sua plenitude quando o corpo realiza seus possíveis, conduzindo a experiência da vida para além do tempo ordinário, promovendo uma abertura para o jogo, para as experiências artísticas

e também para a experiência do sagrado.

Para Souza (2015, p. 64) “o tempo do mito separa o ordinário do sagrado na tentativa de escapar da falta de sentido e procurar o preenchimento do ser”. Souza também destaca o instante sagrado como aspecto temporal característico do sentimento de espiritualização, pois “o instante sagrado é a busca pelos instantes perdidos. [...] O desdobramento do tempo contínuo é fraturado pelos instantes significativos” (Souza, 2015, p. 67). Seria esse intervalo no espaço/tempo possível sem a relação motricidade/linguagens? Vejamos.

A motricidade, entrelaçada com as linguagens (musical, gráfica, oral, textual, etc.) desdobra o potencial humano em distintas expressões. Aciona as dimensões corpóreas não reflexivas, pré-reflexiva e reflexiva, tornando dinâmico o corpo intencional consciente do mundo e no mundo. A motricidade nada mais é do que a ação plena de sentidos e significados, entendendo que o sentido envolve uma realidade mais ampla e tomando o significado como um recorte do sentido (López Quintás, 2004, p. 57).

A condição motricidade/linguagens, por ser a própria ação repleta de sentidos, impulsiona a imaginação criadora, cuja expressão permite o ser-motricício ascender à categoria de experiência de jogo e de estética. Será que, na experiência do sagrado, pela força da narratividade e da relação ação-sentido, abre-se um horizonte de idealização para que o ser humano possa sentir-se enlaçado com um valor supremo, um estado de plenitude e transcendência?

A motricidade, enquanto epistemologia, não considera a transcendência como questão metafísica e a entende como ação humana em busca de superação, de ser-mais. No entanto, para a finalidade deste estudo, podemos compreender que a delimitação metafísica ou real da transcendência do ser-motricício está associada à questão da intencionalidade e a doação de sentido, por isso é que se propõe como fenômeno de estudo, que a experiência do sagrado possa ser interpretada pelas modulações de sentidos adjacentes a ela.

O ser-motricício, ser de intencionalidade operante em busca de transcendência (Manuel Sérgio, 1994, p. 54), apropria-se de distintas e múltiplas linguagens e, com elas, forma múltiplos sentidos. Também é importante considerar que, pelas condições de vida e pelos modos de existirmos como tarefa, não podemos negar a condição imanente da motricidade, uma vez que a imanência também é um dos modos de responder à experiência do sagrado.

A motricidade é, por princípio, a própria experiência de perceber (Caminha, 2008). O ser-motricício é dotado da capacidade de projetar experiências e delimitar horizontes, tomando a percepção como referência para as suas incursões no mundo. A percepção/motricidade que ganha sobreposições de sentido numa condição simbiótica entre o imanente e o transcendente, ou seja, entre os possíveis da sabedoria encarnada com os ordenamentos de sentido. Poderá ser essa simbiose entre a condição imanente/transcendente um elemento preponderante nas observações das experiências do sagrado?

Bieler (2007) aponta em seu estudo que há um saber encarnado que precisa ser considerado quando tentamos compreender os rituais das experiências religiosas. Segundo a autora, quando são agrupados os processos cinestésicos com o potencial metafórico das expressões corporais, a significação do ato espiritualizado é potencializada. Segundo

Chauvet (citado por Bieler, 2007), a fé não pode ser vivida de outra forma (incluindo o que há de mais espiritual nela), sem que haja a mediação do corpo. Para Bieler, a experiência religiosa é indissociavelmente ligada à sua corporificação.

A potencialidade da motricidade frente à experiência do sagrado não se encerra no entendimento desta dimensão como estatuto de viver a espaço/temporalidade de modo presencializado, mas com sua plena integração com a própria experiência perceptiva e sensível, fortemente marcada nos rituais sacralizados. Como aponta Iraquitan Caminha, percepção e motricidade são entrelaçamentos:

o mundo percebido ou aquilo que nós vemos como o surgimento dinâmico do aparecer pede uma intervenção motriz de nosso corpo, que exerce uma função prática a partir dos movimentos endereçados às coisas para realizar a experiência perceptiva (Caminha, 2008, p. 334).

O que surge, referenciado por esse modo de pensar, é a participação evidente das ações na experiência de perceber a emergência do sagrado na esfera da espaço/temporalidade presencializada, uma vez que, perceber é viver a presença permanente da dimensão do mundo que nos é dado originalmente. “Aquele que percebe expressa, desde sua origem, uma relação com o mundo, com base no poder cinético de seu corpo (Caminha, 2008, p. 335).

A partir da forte relação entre motricidade/percepção e o surgimento dinâmico do aparecer das coisas, será que há hierofania sem motricidade? Ou, colocando de outro modo: por que, ao procuramos as manifestações de fé, encontramos a motricidade por todos os lados? Pode-se propor que a manifestação do sagrado é, pelo prisma da motricidade, um fenômeno a ser sentido pelo corpo em ação?

Propomos considerar que o ato de fé, cujo potencial semântico é dado pelos símbolos e pelas linguagens, orienta as experiências motrícias pelas narrativas de (re)ligação com a esfera do sagrado. Assim como queremos problematizar a possibilidade de atingir a âmbito do sagrado somente pela experiência reflexiva, partindo do pressuposto de que o corpo todo, especialmente considerando seu potencial cinestésico, tende a ser acionado para situar o ser na experiência do sagrado.

A cada instante de um movimento, o instante seguinte precedente não é ignorado, mas está como que encaixado no presente, e a percepção presente consiste em suma em reaprender, apoiando-se na posição atual, a série das posições anteriores que se envolvem umas as outras. [...] Enquanto tenho um corpo e *através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo*; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. (Merleau-Ponty, 2011, pp. 194-195, grifo nosso).

A cinestesia pode ser entendida como o potencial de perceber a própria sensação do corpo ao nos dirigirmos dinamicamente no mundo enquanto motricidade. A cinestesia é o ponto zero do movimento do corpo que, pela própria interligação da percepção com a motricidade é acessível pela própria motricidade. Há um estado implicado de circularidade perceptivo-motrícia. Movo-me implicado no meu próprio estado perceptivo de ser-motrício.

Aqui, argumentamos que a experiência cinestésica do modo de ser-motricício revela a experiência de perceber a expressão em direção ao sagrado que transfigura a própria linguagem e, consecutivamente, a própria espaço/temporalidade, uma vez que esta é percebida como desdobramento da possibilidade narrativa da própria experiência cinestésica.

Essa maneira de ascender ao mundo, um tipo de inteligência corpórea, um saber encarnado no ato motricício, é o que Merleau-Ponty define como “*praktognosia*”.

A síntese do tempo assim como do espaço são sempre para recomeçar. A experiência motora de nosso corpo não é um caso particular de conhecimento; ela nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto, uma “*praktognosia*” que deve ser reconhecida como original e talvez como originária. (Merleau-Ponty, 2011, p. 195)

A “*praktognosia*”, ou seja, o saber encarnado do ser-motricício, um modo de acesso ao mundo, recebe um poder infinito de novas realizações com as linguagens.

Por fim, o que desejamos destacar é que há uma profunda relação entre a motricidade, a percepção, as linguagens e as narrativas que, em unidade, são moduladores de sentido do ato humano. Não seria também do ato de fé?

A linguagem como moduladora de sentido: ato de fé e o acesso ao sagrado

Desejamos investigar se o ato de fé é um modo específico de experiência humana que recebe modulações de sentidos por narratividade, criando o encontro do ser com o âmbito do sagrado, diferenciando-se da motricidade observada no jogo e nas artes.

Pode a fé ser considerada um ato? Que ato é esse? O que desencadeia o ato de fé? É possível existir fé sem a motricidade e as orientações narrativas?

O conceito de fé, a partir de Gross (2017, p. 13), é compreendido como um estado ou situação em que a pessoa se vê tocada por uma fonte de sentido incondicional. O sentido incondicional da fé não é uma realidade apenas subjetiva, mas aquela que se organiza na relação entre o eu e o mundo.

Para existir essa relação de sentido incondicional, o ato de fé tende a tornar-se um ato de busca, participação e ativação de uma dimensão criadora que possa vivificar o ser e preenchê-lo de sentido. A força do ato de fé está na crença, na idealização e no vislumbre de um horizonte onde se possa projetar uma esperança. Ao analisar o material destinado ao estudo, observou-se que o ato de fé tem sede por narrativas e sua materialização é, quase sempre, uma manifestação corpóreo-motricícia. Por que será que emergiu essa percepção?

Propomos a compreensão fenomenológica de que a fé é desencadeada por um sentido de falta, de desamparo, desesperança, despreparo, trauma ou perda de enlace com um sentido supremo que orienta, ou pelo menos, orientava a existência. Podemos interpretar que o ato de fé é, *grosso modo*, desencadeado pela percepção de um sentido existencial colapsado por um estado de carência.

Para que a fé seja sentida como a força propulsora do preenchimento de sentido, ela precisa ser exercida, ou seja, praticada. Surge então uma diversidade de modos de exercer a fé, o que implica torná-la viva, por isso observamos a presença unanime da

motricidade nos ritos religiosos analisados no material de estudo proposto. Constatou-se que, pelo ato de fé, o ser-motricio experimenta o estado de pertencimento e reconhecimento de um âmbito existencial valoroso.

Pensamos que há uma importante contribuição deste estudo: abrir um trato investigativo que observa o ato de fé como legítima forma de motricidade, interpretada como um desdobramento do modo de ser-motricio modulado por narratividades que, pelo vínculo com as múltiplas linguagens, assume a conexão doadora de sentido da ação que intenciona superar estados de carência.

A fé, por esse particular ponto de vista, não trata somente de compartilhar uma experiência cinestésica do corpo pré-reflexivo (apesar das sensações corporais serem fundamentalmente importantes nos atos de fé como vimos), mas da articulação das linguagens por onde se pode projetar e modular os horizontes de sentido.

Convidamos aos que se interessaram pelo tema observar que, em cada gesto vivido nos ritos sacralizados, flutua um universo semântico dado pela mediação das linguagens, que tem o potencial de criar, organizar e transformar o vivido.

Podemos observar esse fenômeno, por exemplo, naquilo que o ritual do santo daime chama de miração, ou seja, um estado de concentração profunda (presencialização da espaço/temporalidade) que promove a potencialização dos sentidos sensíveis corpóreo-motricios recebendo orientações semânticas pelas narrativas dos hinários.

Para reforçar essa argumentação, apresentamos mais um indicativo para assumir a compreensão da experiência do sagrado como motricidade doadora de sentido potencializada pelas linguagens:

[...] a motricidade não é apenas a práxis de uma finalidade, dada a totalidade expressiva que a caracteriza, e como meio pela qual a consciência se edifica e se manifesta, a motricidade só é compreensível como ação e conduta, dada a complexidade própria do movimento humano, que exige ação motora e representação ideativa. De fato a motricidade humana não é exclusivamente consciente, mas a pretendida separação entre a emoção e a linguagem não tem validade. (Dantas, 2001, p. 242)

É também um atributo da linguagem ordenar a espaço/temporalidade a fim de torná-la perceptível. Assim, compreender as narrativas motricias do rito sacralizado como esfera de presencialização da espaço/temporalidade só é possível, também, pela percepção do tempo, dada pelas linguagens.

A experiência do sagrado como modulações de sentidos

Chegamos agora ao fenômeno central deste estudo em que as modulações de sentidos podem nos ajudar a compreender as possíveis relações entre as experiências do sagrado e a motricidade.

Os jogos de sentido, juntamente com a compreensão do ser-motricio e as realidades ambíguas, representam a tese central deste ensaio ao considerar que a experiência do sagrado se distingue da experiência do jogo e da experiência artística em função da intencionalidade e a doação de sentido do rito sacralizado.

Como vimos, a motricidade no rito é traduzida como ato de fé, modulada em parte pelos sentidos sensíveis da sabedoria encarnada com as narrativas próprias de cada doutrina ou ordenamento.

Modular é, pela perspectiva fenomenológica, dar ordenamento e direcionamento de um certo modo de ser das coisas, atos ou ocorrências. No caso específico aqui retratado, falamos das modulações de sentidos. Como aponta Critelli (1996, p. 17), “os homens não se dirigem direta e simplesmente às coisas em sua mera presentidade, mas mediados por essa trama de significados em que as coisas vão podendo aparecer”.

Aqui, a palavra sentido traduz elementos fundamentais da experiência motrícia: a direção ou curso, as percepções sensoriais, a sensibilidade, os sentimentos, o senso de situação, as interpretações semânticas, todas pertencentes ao ser-motrício. Quando falamos de sentido, estamos englobando essa totalidade compreensiva.

Para que haja um bem supremo, ou seja, a percepção de uma dimensão valorativa supradimensionada, a motricidade observada nos ritos sacralizados, mostra-se manifestação corpórea intensamente carregada de sentido. “O sagrado invoca uma experiência original, que pretende ser criadora e doadora de sentido” (Souza, 2015, p. 62). Esse fenômeno pode ser preenchido com o potencial semântico dos desdobramentos linguísticos do corpo.

Diante das argumentações apresentadas, podemos propor a tese de que a motricidade, regida pela intencionalidade do ato de fé, realiza o encontro do ser com a experiência do sagrado devido às modulações de sentidos, ou, como aponta Critelli (1996, p. 132), “cuidando de ser, os homens vão realizando e objetivando o(s) sentido(s) de existir/ser; vão interagindo uns com os outros e, com isso, vão tecendo a trama do mundo mesmo através do qual são quem eles são (plural e singularmente)”.

As modulações de sentidos, pelas inúmeras formas de organização dos ritos sacralizados ao longo da história e culturas, poderiam desse modo ser estudadas e compreendidas como um fenômeno motrício e corporalizado. Olhar por esse prisma é deslocar a fé, enquanto fenômeno de estudo, das concepções da ordem racional/ irracional, sagrado/profano, e compreendê-la com um ato intencional que visa a transcendência e a plenitude de realização co-implicada, passível de modulações de sentido, portanto, um fenômeno motrício.

Modulações de sentidos: narrativas de emancipação e co-implicação ou de dominação e manipulação?

Um exemplo daquilo que defendemos nesse estudo pode ser observado na descrição do sentido da dança de giro dos dervixes Mevlevi, o *semâ*, ato intencional presente nos ritos da ordem sufi.

Na dança, o movimento giratório constitui, tanto do ponto de vista teórico como prático, uma antiquíssima forma de oração, mas só com a ordem Mevlevi foi institucionalizada como verdadeiro e próprio rito. Tomando como referência a própria vida, com sua combinação entre a morte e a ressurreição, que se chegou à visão da qual a

dança se baseia, ou seja, o falecimento do corpo físico como “casamento espiritual da eternidade com Deus” (Wosien, 2002, p. 64).

Deixa os dois mundos
e entra na dança,
porque além dos dois mundos
está o mundo da dança.
O teto pode ser altíssimo,
Mas a escada que sobe ao espaço
da dança chega mais alto.
E agora batei os pés,
sobre tudo exceto ele,
porque a dança é vossa,
porque agora sois a dança!
(Dîwân, citado por Wosien, 2002, p. 79)

Observa-se nessa passagem poética, que de algum modo descreve a experiência da dança, a interligação dos mundos, o mundo humano e o divino. A experiência motrícia da dança é o caminho que indica a passagem para a experiência do sagrado. No caso da dança *semâ*, os dervixes percorrem os seguintes estágios:

a via da intuição, da excitação e do movimento interior (circundeambulação), passam pelo êxtase e pela dedicação, chegando a dissolução, depois gradualmente descem de novo e por fim saem para retornar a criação, para estar no mundo mas não ser do mundo, na silenciosa consciência do mistério de manifestação que experimentam (Wosien, 2002, p. 81).

Figura 2 – Dança derviche, Istambul, Turquia



Fonte: <https://unsplash.com/photos/inJOURyO-Ww>

Há de existir um estado em que a corporeidade-motricidade-consciência se articulam numa experiência repleta de sentido do que é mais plenamente humano, em que se permita a reintegração e a unificação do ser com o todo. Chamemos esse âmbito de distintos modos, mas há de considerar sua essência na condição de espaço/temporalidade presencializada, expandida por modulações de sentido dada as múltiplas linguagens que aciona na experiência.

Infelizmente, nem sempre os atos de fé são vividos como experiências de expansão dos modos de ser em corpos-consciência que transcendem e superam carências. Em diversos países da América Latina, por toda parte se observa um crescimento exponencial de “templos” que se aproveitam da simplicidade motrícia da população para exercer a exploração de suas corporeidades e sentidos.

Em tempos de retrocessos interpretativos, como estamos nos deparando atualmente, é crescente a quantidade de pessoas que são manipuladas por experiências e narrativas que prometem: a prosperidade individualista, o combate aos inimigos que impedem a ação de Deus, como, por exemplo, a eliminação de outras liturgias e crenças religiosas; a subordinação do Estado às determinações de um pensamento único, mascarando as vicissitudes reais causadoras das carências, entre outros fatos (Cunha, 2019; McCoy, 2019).

Um ato de fé compreendido como manifestação transcendente não pode ser a aceitação submissa de um rito vinculado às narratividades empobrecidas e fixamente determinadas, caso contrário deixará de ser crença emancipadora para se tornar doutrinação manipuladora.

Portanto, torna-se relevante o estudo da relação entre a motricidade e a experiência do sagrado e as modulações de sentido, pois é mais um campo de argumentação para enfrentar a hegemonia das narrativas e das práticas doutrinadoras nos atos de fé, que, intencionalmente, conduzem os sentidos das experiências do sagrado para uma dimensão manipuladora, subjugando os mais vulneráveis.

Vai se consolidando uma estrutura alienante e cruel: por um lado, caem os diques de proteção social das políticas públicas, deixando muitos desassistidos de oportunidade de realização na vida; por outro lado, crescem as instituições religiosas que se aproveitam do estado de desamparo e desesperança para insuflar o ato de fé, mas não para expandir corpos e consciências em rituais corpóreo-motrícios modulados por sentidos e narrativas de emancipação, autonomia, liberdade expressiva e amplitude interpretativa das múltiplas realidades, pelo contrário, se apropriam do ato de fé dos que se encontram semanticamente vulneráveis para vender-lhes prosperidade e a superação de suas carências, trocando votos por promessas de libertação e vendendo objetos carregados de sentido simbólico, ungidos por uma “força” suprema.

As modulações de sentidos articuladas nesses “templos de prosperidade” precisam ser urgentemente estudadas a luz da motricidade humana, auxiliando as pessoas a assumir o ato de fé como condição emancipadora, ativa e co-implicada.

Conclusão

A consciência do fluxo motrício vivido, corporificado, realizado é re-experenciado pelas linguagens, somadas as suas múltiplas possibilidades de formação de sentidos,

podem ser apontados como elementos essenciais para compreendermos a presença da motricidade nos ritos sacralizados.

A espaço/temporalidade vivida como realidades ambíguas sugere um modo particular de experiência humana em razão da doação de sentido da ação da qual a linguagem é fundamentalmente potencializadora.

O sagrado é a possibilidade de viver a plenitude da condição encarnada articulada com um conjunto de narrativas que, pelas modulações de sentido que proporcionam, fortalecem a crença de um mundo melhor, onde possa haver esperança, acolhimento. O ato de fé, como portal para a experiência do sagrado, faz a conexão entre o estado de carência e a transcendência, onde deve circular o poder de realização do ser-motricio. O ato de fé, mais do que uma condição passiva, é um chamamento, é uma invocação para assumir ativamente o desejo de superação e co-implicação.

Por assim dizer, como manifestação da motricidade, o ato de fé precisa ser questionado como ato incondicional. A fé, assim como outro ato humano, deve valer-se da condição cambiante da própria vida, ou seja, desejar menos fixidez e mais interconexões.

A fusão da singularidade do ser com a crença cega impede o encontro valoroso com o sagrado, assim como em outras realidades ambíguas:

Será impossível se tentar domina-la ou, então, perder-me nela. Se quiser perder-me, eu me fundirei com ela, me envolverei nela, me embriagarei, me entregarei passivamente para ser dominado. Se meu afã for o de dominar algo, eu me afastarei para tê-lo sob controle. No entanto, quando tenho vontade de colaborar, eu me uno à outra realidade, entro em relação de jogo com ela, e, para que tal jogo seja possível, respeito-o naquilo que ela é e naquilo que é chamada a ser e a realizar. (López Quintas, 2004, p. 151)

Para evitar as armadilhas da dominação das linguagens, que se aproveita dos déficits interpretativos e compreensivos das realidades de grupos humanos vulneráveis, sugerimos, como sugestão para prolongar as investigações sobre as aproximações iniciais entre a experiência do sagrado e a motricidade, que o ato de fé receba modulações de sentidos consubstanciados, ou seja, que esteja, por princípio, aberto ao diálogo com outras experiências e narrativas. O ato de fé, pelo viés da motricidade, propõe estar aberto à complexidade, orientando-se favoravelmente à emancipação dos corpos-consciência para permitir a consolidação do estado de plenitude co-implicada.

No conjunto desse entrelaçamento entre motricidade, experiência do sagrado e o ato de fé, o ser-motricio precisa ordenar sua dimensão perceptiva e compreensiva para evitar que o ato de fé seja objeto de dominação. A crença numa dimensão existencial valorosa clama por uma motricidade que amplia a consciência de si mesmo e não a sua submissão. Onde há um ordenamento narrativo para a existência de um mundo dialogante, a motricidade efetiva-se autenticamente, permitindo que a vida articule-se criativamente, já que promove o encontro do si mesmo com seu entorno situado pleno de realização.

Para materializar e assumir ativamente o ato de fé como perspectiva transcendente e transformadora, finalizamos esse artigo (que tratou das primeiras aproximações entre a motricidade e a experiência do sagrado) com a canção “Fé cega, faça amolada” com a intenção de “[...] seguir em frente no cumprimento da missão transformadora com determinação e tranquilidade. A faca amolada está pronta para o corte, a ruptura;

para a decisão lúcida sobre algo importante na vida. É tempo de ir à luta; de não ficar passivo” (Coan, 2015).

Agora não pergunto mais pra onde vai a estrada
Agora não espero mais aquela madrugada
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faca amolada
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada
Deixar a sua luz brilhar e ser muito tranquilo
Deixar o seu amor crescer e ser muito tranquilo
Brilhar, brilhar, acontecer, brilhar faca amolada
Irmão, irmã, irmão, irmão de fé faca amolada
Plantar o trigo e refazer o pão de cada dia (Plantar o trigo e refazer o pão de todo dia)
Beber o vinho e renascer na luz de todo dia (Beber o vinho e renascer na luz de cada dia)
A fé, a fé, paixão e fé, a fé, faca amolada
O chão, o chão, o sal da terra, o chão, faca amolada
Deixar a sua luz brilhar no pão de todo dia
Deixar o seu amor crescer na luz de cada dia
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser muito tranquilo
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada.

Que outros horizontes sejam abertos pelos estudos do fenômeno da motricidade, autenticamente vividos e modulados nas importantíssimas experiências do sagrado e seus diversos sentidos, rumo às emergências de uma vida cotidiana a ser constantemente edificada.

Referências

- BIELER, Andrea. Embodied Knowing. In: HEIMBROCK, H.G.; SHOLTZ, C. P. Religion: immediate experience and the mediacy of research. Germany: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=pN1w99gx-bEC&pg=PA39&dq=andrea+bieler+embodied+knowing&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CB0Q6AEwAGoVChMI9q3zp4PeyAIVwo-QCh2DHw2c#v=onepage&q=andrea%20bieler%20embodied%20knowing&f=false>>. Acesso em: 26/12/2019.
- CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Percepção e motricidade. Revista Cronos, Natal-RN, v. 9, n. 2, pp. 333-347, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1780/pdf_33>. Acesso em 26/12/2019.
- COAN, Emerson Ike. “Fé cega, faca amolada”. Milton Nascimento e o sentimento “à flor da pele” nos álbuns “Minas” e “Geraes”. Anais. 3º seminário comunicação, cultura e sociedade do espetáculo, Faculdade Cásper Líbero, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/04/Emerson-Ike_Semin%20%80%A0rio-2015.pdf>. Acesso: 31/12/2019.
- CRITELLI, Dulce Mára. Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.
- CUNHA, Magali. Evangélicos crescem no Brasil, mas a fé cristã diminui. Carta Capital, novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/evangelicos-crescem-no-brasil-mas-a-fe-crista-diminui/>> Acesso em: 26/12/2019.

DANTAS, P. A intencionalidade do corpo próprio. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FINK, Eugen. Oásis de la felicidad. Centro de estudios filosóficos: Universidad Nacional Autónoma de México, 1966.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica da obra de arte. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GROSS, Eduardo. Contribuição das definições de sagrado de Rudolf Otto e Mircea Eliade para o estudo da literatura. *Revista Graphos*, v. 19, n. 1, p. 41-56, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/35011>>. Acesso em: 22/12/2019.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Estética*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Inteligência criativa: descoberta pessoal dos valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *O conhecimento dos valores*. São Paulo: É Realizações, 2016.

McCOY, Terrence. Neopentecostais armados atormentam minorias religiosas brasileiras. Folha de São Paulo, dezembro de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/neopentecostais-armados-atormentam-minorias-religiosas-brasileiras.shtml>>. Acesso em: 26/12/2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SHAH, I. *História dos derviches*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

SANTOS, Sérgio Oliveira dos. *A Educação do ser-motricício e a práxis criadora*. Tese de Doutorado. UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1590>>. Acesso em: 31/12/2019.

SANTOS, Sérgio Oliveira dos. *O ser-motricício*. *Revista International Studies on Law and Education*. Cemoroc/EDF-USP e Univ. do Porto, n. 27, setembro-dezembro de 2017, p. 37-48. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/37-38Sergio.pdf>>. Acesso em: 31/12/2019.

SANTOS, Sérgio Oliveira dos. *Ser-motricício e as realidades ambíguas*. *Notandum*. Cemoroc/EDF-USP e Univ. do Porto, n. 46, janeiro-abril de 2018. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand46/7sergiof.pdf>>. Acesso em: 20/12/2019.

SÉRGIO, Manuel. *Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SÉRGIO, Manuel. Alguns olhares sobre o corpo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SOUZA, Vitor Chaves de. A intuição do tempo sagrado: o princípio de um pensamento cósmico. Revista Notandum, Ano XVIII, n. 38, pp. 61-72, maio-agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand38/61-72Vitor.pdf>>. Acesso em: 29/12/2019.

WOSIEN, M. G. Os sufis e a oração em movimento. São Paulo: TRIOM, 2002.

Documentários:

DISCOVERY CHANEL. Belief, 2016. Episódio 03 - Questão de fé. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8St0QK4T-3Y&t=291s>>. Acesso em: 20 out 2019.

DISCOVERY CHANEL. Belief, 2016. Episódio 04 - A transformação. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=636V3REdjm8>>. Acesso em: 20 out 2019.

DISCOVERY CHANEL. Belief, 2016. Episódio 07 - Uma boa vida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cAe8JSFwnz4>>. Acesso em: 20 out 2019.

TV CULTURA. Retratos de fé, 2019. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/playlists/235_retratos-de-fe-retratos-de-fe.html>. Acesso: 05 out. 2019.

FRICKE, Ron. Baraka, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sso5n_7mP-0>. Acesso em: 18 dez. 2019.

DANÇA XONDARO – Etnia Guarani: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4FbUVwDwp9U>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ALDEIA INDÍGENA DESSANA: Dança Ritual do Jurupari: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vsUxOgl3soU>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GULE WANKULU – ritual, os mitos e os personagens – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=olhPxM0lmLU>>. Acesso em: 20 dez 2019.

SEMÁ – Dança Derviche – Sufis: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W_Km4j36khA>. Acesso em: 20 dez. 2019.

Recebido: 6 de janeiro de 2020.

Aprovado: 26 de maio de 2020.